

II UE estuda os 769 centros de I&D

Inegi é "case-study" de nível europeu

LUÍS MADUREIRA lmadureira@mediafin.pt

UM ESTUDO COMUNITÁRIO debruçou-se sobre os 769 centros públicos europeus das áreas I&D e elegeu o Instituto de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial (INEGI) como um dos 49 "case-study" merecedores de uma análise mais pormenorizada. É o único português na lista.

Realizado por um consórcio europeu e coordenado pela Universidade de Manchester, o relatório dedica 11 páginas à instituição portuguesa, referindo-a como um "bom exemplo de uma organização sem fins lucrativos, única no contexto português e independente em termos de infra-estruturas e recursos humanos". No ano 2000, sublinha o relatório, o INEGI conseguiu um retorno do investimento de 4,2 milhões de euros, sendo que os contratos com clientes corresponderam a 64% desse valor, actividades I&D com 33% e formação 3%. O documento dissecou as múltiplas actividades e âmbitos de investigação do INEGI, bem como a evolução da respectiva composição accionista e relações com parceiros internacionais (como por exemplo a NASA e o CERN).

O estudo, que pretende aferir o nível de aplicação das directivas estabelecidas na cimeira de Lisboa de 2000, revela que há mais de 100 mil cientistas a trabalhar em centros de investigação públicos comunitários, "gerindo" um "budget" global de 25 mil milhões de euros – o investimento dos países da União Europeia nas áreas de I&D é superior (13,6%) ao dos Estados Unidos (7,5%) e Japão (9,9%), mas na última década o financiamento directo tem diminuído mais no velho continente.

Nos últimos anos, os governos europeus têm vindo a reformar e privatizar algumas entidades habitualmente próximas das universidades, obrigando alguns institutos a desenvolverem formas alternativas de financiamento: "partners" empresariais e comercialização dos resultados práticos da investigação científica são as soluções encontradas.

"Não tenho a menor dúvida que o caminho da autonomia é o mais adequado. Focamos as nossas apostas por sector conforme as necessidades da indústria, de uma forma muito mais ágil", refere Barata da Rocha, director do INEGI.